



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 14 N. 02 2018

Literatura e a emergência do político

***O clube dos jardineiros de fumaça*, de Carol Bensimon, retrata o processo de legalização da maconha na Califórnia**

Christini Roman de Lima

O romance *O clube dos jardineiros de fumaça* é a quarta obra de Carol Bensimon. A autora, uma das integrantes da edição *Os melhores jovens escritores brasileiros* (de 2012), publicada pela revista inglesa *Granta*, estreou na literatura com as três novelas de *Pó de parede* (Não Editora, 2008), seguindo com o romance *Sinuca embaixo d'água* (Companhia das Letras, 2009) – vencedor da Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Literária e finalista dos prêmios Jabuti e São Paulo –, e com *Todos nós adorávamos caubóis* (2013), seu terceiro romance. *O clube dos jardineiros da fumaça* discute a proibição e a legalização da maconha no norte da Califórnia, apresentando aspectos econômicos, sociais e pessoais – referentes ao cultivo, ao uso medicinal e recreativo da planta – por meio da personagem principal, o brasileiro Arthur Lopes.

O romance de Bensimon é construído por capítulos curtos, narrados em terceira pessoa, com uma estrutura não linear em que os tempos se alternam entre o presente e o passado dos acontecimentos vivenciados por Arthur. O cenário da trama, deste modo, intercala-se entre o norte da Califórnia, no condado de Mendocino – parte do Triângulo Esmeralda (região de maior produção de *Cannabis* dos Estados Unidos), no presente dos fatos relatados, e as lembranças da Porto Alegre de sua formação e de pouco antes de sua partida. A obra conta com um narrador onisciente, mas a perspectiva – na maior parte das vezes – centra-se no ponto de vista do protagonista. O ângulo de visão, todavia, não se restringe a ele, passando também pela óptica das demais personagens (ao se tratar de suas histórias).

O enredo de *O clube dos jardineiros de fumaça* se passa no decurso entre o começo do verão e o princípio do inverno de 2015, e discorre sobre a mudança do protagonista para a Califórnia após o falecimento da mãe e também da demissão da escola

privada em que lecionava. Depois do diagnóstico da doença materna – um câncer terminal no útero –, Arthur decide cultivar maconha no jardim de sua casa, objetivando amortizar as dores e os efeitos colaterais da quimioterapia. A mãe morre, mas o jovem continua com o plantio, ajudado pelo pai, Fernando Lopes, médico oftalmologista do corpo clínico do Hospital Moinhos de Vento. Seu cultivo é denunciado, e a polícia invade sua casa, destrói os dezesseis pés de maconha, e pai e filho são detidos. A notícia é divulgada nos jornais locais, fato que repercute na demissão de Arthur e no afastamento do doutor Fernando do hospital. O protagonista decide, então, partir para a Califórnia.

Assim, a óptica do romance é a do jovem de 37 anos, filho único de uma família classe média alta brasileira, que deixa o país para tentar a sorte nos Estados Unidos. O relato se dá a partir de sua chegada a Mendocino, um ano depois da morte da mãe. Arthur procura inserir-se no mercado de plantio ilegal de maconha, almejando trabalhar como *trimmer*, ou seja, como podador de maconha – atividade recorrente no norte da Califórnia no verão, período das colheitas. A cidade de Mendocino, juntamente com Humboldt e Trinity, faz parte de uma região conhecida como Triângulo Esmeralda, localidade produtora da grande parte da *Cannabis* consumida nos Estados Unidos. A maconha medicinal foi legalizada no ano de 1996, mas a maioria das plantações não possuía licença e era vendida para o mercado ilegal.

Arthur omitiu do pai a real motivação de sua partida para os Estados Unidos, o que só veio a revelar-lhe ao final da trama. Mentiu que estava cursando um doutorado em Berkeley. O narrador destaca que Arthur pensou inicialmente na possibilidade de fazer um doutorado, “[e]ra o que esperavam dele” (p. 36), mas preferiu o “nada a perder” que a apreensão da maconha ilegal no Brasil e, conseqüentemente, a demissão do emprego lhe possibilitaram. Trabalhar como *trimmer* na Califórnia era ainda uma forma de rebeldia que o aproximava da perspectiva de “eterno adolescente”, vivida pelo amigo Fabrício:

Quando aqueles anos de doces excessos e decisões estúpidas chegaram ao fim, o calendário interno de Fabrício se recusou a continuar virando as folhinhas até a zona segura da vida adulta. Era bom demais para acabar. Não precisava, afinal de contas, acabar. Era só seguir usando tênis e camisetas coloridas e jamais falar sobre trabalho (p.157).

Cabe destacar que a apreensão da maconha pela polícia brasileira não teve conseqüências devastadoras tanto para o pai quanto para o filho. Eles não foram parar em uma cela superlotada, nem tiveram a vida lesada de forma irreversível, ou seja, a contravenção não impossibilitou qualquer nova perspectiva de futuro, como ocorre com a

maior parte das pessoas à margem da sociedade. A violência da “guerra às drogas” (p. 205), das cabeças decapitadas, não passa de notícia de jornal para a classe mais abastada. A transgressão da lei foi apenas um constrangimento e um incômodo passageiro, e é vista como uma aventura – o que se caracteriza, por exemplo, na euforia demonstrada pela aluna de Arthur ao saber do plantio: ““(...) Puta merda. Caralho. Que sensacional. Quer dizer. O que tu vai fazer agora?”” (p. 204).

O narrador assinala a questão dos privilégios que impedem a ida dos Lopes para o presídio e como essa distinção ameniza as consequências e as penalidades sofridas, repercutindo apenas em alguns incômodos, na perda de dinheiro e de tempo. A crítica do romance, no entanto, é superficial, não passando de comentários rápidos sobre a desigualdade social. O foco da diegese concentra-se, sobretudo, no direito de escolha dos sujeitos envolvidos no uso de maconha:

Tinham passado a tarde inteira na sala do delegado Elias Souto da 6ª Delegacia de Polícia, um sujeito ligeiramente compreensível (...) Depois de algumas horas, ficou claro que os dois não iriam passar a noite nos escombros vivos do Presídio Central. Eles eram privilegiados demais para isso. O processo iria levar anos para ser julgado. Os réus, enquanto isso, ficariam em liberdade.

(...) “A lei precisa mudar. – declara Arthur Lopes – É de uma crueldade absurda que as pessoas não tenham direito de decidir de que modo passar por uma doença tão delicada e debilitante quanto o câncer. (...)” (p. 205).

Todavia, a eleição do cenário norte-americano, aliada aos comentários (mesmo que inseridos de forma fugaz na narrativa) sobre a violência no Brasil e ao desaparecimento de uma jovem brasileira, Marina Nunes, em solo californiano, apontam para um debate em relação ao Estado que criminaliza a erva – e a violência que decorre disso – e o Estado que caminha em processo de liberação – processo esse que não deixa de ter certo grau de violência, mas em uma escala muito menor.

Além disso, o romance traz dados factuais desse percurso que levou à legalização do uso medicinal e, posteriormente, recreativo da maconha na Califórnia. A inserção dos dados verídicos – retratados como “versões ficcionalizadas de pessoas reais” (p. 363) –, dispostos na intriga de forma aleatória, pode ser vista como aspectos da pesquisa e das leituras de Arthur sobre a temática. Robert Randal, por exemplo, é parte das personagens incorporadas no romance que estão à parte da trama, mas Randal é citado como matéria da pesquisa do protagonista: “parece que tem mesmo um livro na mão. (...) A história de um sujeito com glaucoma severo que só não ficou cego por causa da maconha” (p. 298).

O clube dos jardineiros da fumaça é uma obra bem arquitetada, com uma narrativa fluida e uma pesquisa consistente em torno da temática. Assim, Carol Bensimon brinda o leitor com um bom texto, propiciando uma leitura prazerosa sobre a história do cultivo e do consumo da maconha no norte da Califórnia, Estado que, no dia 8 de novembro de 2016 – um ano depois do período em que a trama se passa –, legalizou o uso recreativo da *Cannabis*.